



Arquétipos e Alma: Uma Releitura da Figura do Salvador à Luz de Jung, Peterson e da Tradição Cristã

Archetypes and the Soul: A Reinterpretation of the Savior Figure in Light of Jung, Peterson, and the Christian Tradition

João Moreira Tourinho Marques

Marcos Vinicius Alves de Moura

Resumo: Este estudo tem por objetivo investigar a relação entre os arquétipos junguianos, a estrutura da alma e a figura de Cristo, criticando interpretações reducionistas que limitam os arquétipos a dimensões puramente genéticas ou culturais. De caráter bibliográfico, parte-se da análise da teoria dos arquétipos em C. G. Jung e do motivo do herói, conforme reelaborado por Jordan Peterson em *“Maps of Meaning: The Architecture of Belief”*, especialmente por meio do mito egípcio de Rá. Em seguida, discute-se a possibilidade de que os arquétipos mais fundamentais possuam uma origem metafísica, enraizada na estrutura espiritual do ser humano desde a infusão da alma, conforme perspectivas de Santo Agostinho, Tomás de Aquino e Pierre Teilhard de Chardin. Tal análise permite interpretar a recorrência de símbolos salvíficos como sinal da correspondência entre a alma humana e a realização de seu desejo último. Conclui-se que a analogia entre Cristo e outros mitos indica que a estrutura humana já intuía, desde o princípio, a possibilidade de uma intervenção heróica-salvadora que respondesse ao anseio mais profundo da alma.

Palavras-chave: arquétipos; Jung; Cristo; alma; filosofia da religião.

Abstract: This study aims to investigate the relationship between Jungian archetypes, the structure of the soul, and the figure of Christ, while criticizing reductionist interpretations that limit archetypes to purely genetic or cultural dimensions. Through a bibliographic approach, the analysis begins with C. G. Jung's theory of archetypes and the motif of the hero, as reinterpreted by Jordan Peterson in *Maps of Meaning: The Architecture of Belief*, particularly through the Egyptian myth of Ra. It then examines the possibility that the most fundamental archetypes possess a metaphysical origin, rooted in the spiritual structure of the human being since the infusion of the soul, according to the perspectives of Saint Augustine, Thomas Aquinas, and Pierre Teilhard de Chardin. This analysis allows the recurrence of salvific symbols to be interpreted as a sign of the correspondence between the human soul and the fulfillment of its ultimate desire. It concludes that the analogy between Christ and other myths indicates that the human structure had already intuited, from the beginning, the possibility of a heroic-savior intervention capable of responding to the soul's deepest longing.

Keywords: archetypes; Jung; Christ; soul; philosophy of religion.

INTRODUÇÃO

A recorrência de narrativas de heróis, salvadores e figuras regeneradoras nas diversas culturas sempre levantou debates sobre a origem desses símbolos e sua relação com a experiência humana fundamental. Ao longo do século XX, a

Psicologia Analítica de C. G. Jung ofereceu uma explicação poderosa ao postular a existência dos arquétipos como formas estruturantes do inconsciente coletivo, supostamente transmitidos por herança psíquica vinculada à constituição biológica da espécie humana. No entanto, tal explicação levanta questões epistemológicas e metafísicas que permanecem em aberto, sobretudo quando confrontadas com a experiência religiosa, com a tradição filosófica cristã e com as exigências últimas da alma humana.

Este estudo parte do pressuposto de que os arquétipos não podem ser compreendidos apenas como produtos de uma história genética da espécie, nem como meras cristalizações culturais. Argumenta-se que os arquétipos mais fundamentais possuem uma origem mais profunda, radicada na estrutura espiritual da alma desde a sua criação, e que essa estrutura inclui um desejo intrínseco por sentido, plenitude e salvação. Isso permite reinterpretar comparações entre Cristo e mitos de salvadores não como evidência de que Cristo seria apenas um símbolo universal, mas como sinal de que o coração humano sempre esteve preparado para reconhecer em Cristo o cumprimento histórico de um anseio espiritual primordial.

Diante disso, o presente artigo, de caráter bibliográfico, tem por objetivo investigar a relação entre os arquétipos junguianos, a estrutura da alma e a figura de Cristo, criticando interpretações reducionistas que limitam os arquétipos a dimensões puramente genéticas ou culturais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Estrutura dos Arquétipos em Jung

Jung descreve os arquétipos como formas universais e pré-existentes que estruturam a psique humana (Jung, 2011). Segundo ele, os arquétipos são padrões inatos, herdados biologicamente, que orientam tanto a percepção quanto a ação. Ainda que admitisse seu caráter misterioso, Jung tendia a vinculá-los a uma base genética, como se fossem produtos de sedimentações psíquicas ao longo da evolução humana.

Essa explicação, embora engenhosa, permanece problemática porque reduz dimensões simbólicas profundas a mecanismos derivados da sobrevivência biológica. Como observa Robertson (2021), Jung oscilava entre considerar os arquétipos como estruturas herdadas e como princípios transcendentais, revelando tensão interna em sua teoria. Essa ambiguidade abre espaço para ampliar o horizonte interpretativo, considerando outras possibilidades de origem para tais estruturas.

O Arquétipo do Herói e o Mito de Rá, Segundo Jordan Peterson

Jordan Peterson (1999), em *“Maps of Meaning: The Architecture of Belief”*, retoma o motivo arquetípico do herói, reinterpretando-o como padrão psicológico universal que organiza a relação entre ordem, caos e transformação. É

particularmente relevante a análise que elabora sobre o mito egípcio de Rá. Em tal mito, Rá enfrenta constantemente as forças do caos, morre ao final do dia e renasce mais forte na manhã seguinte. Segundo Peterson (1999), esse ciclo expressa o movimento estrutural da consciência humana diante da adversidade: descer à desintegração para emergir renovado.

Esse padrão encontra paralelos em inúmeras tradições mitológicas, incluindo motivos de morte e ressurreição. A recorrência é explicável, na leitura de Peterson (1999), porque tais imagens captam algo profundo sobre a experiência psicológica de enfrentar o desconhecido. No entanto, essa explicação psicológica deixa espaço para questões ontológicas mais profundas sobre a razão pela qual tais estruturas se repetem universalmente.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A Questão da Origem dos Arquétipos: Limites da Hipótese Genética

Se os arquétipos fossem apenas produtos de uma evolução biológica, as pessoas seriam reduzidas a uma interioridade simbólica formada por uma história de adaptação da espécie. Essa posição implicaria que figuras como Cristo seriam somente reelaborações de narrativas ancestrais armazenadas geneticamente. Na prática, isso esvazia qualquer pretensão de singularidade histórica e ontológica de Cristo, pois ele seria apenas mais uma variante do padrão universal do herói-salvador.

Entretanto, essa leitura apresenta limites profundos. Primeiro, ao contrário da intuição de Jung (2011), a transmissão genética não explica satisfatoriamente a complexidade simbólica dos arquétipos, que apresentam coerência estrutural surpreendente entre culturas separadas por milênios. Segundo, a hipótese genética supõe que todos os símbolos correspondem a funções adaptativas, o que não é evidente. Terceiro, reduz o espiritual ao material, o que contraria a intuição filosófica clássica acerca da estrutura da alma.

A Hipótese Espiritual: Arquétipos como Estruturas da Alma

Propõe-se que os arquétipos mais fundamentais têm sua origem na estrutura espiritual da alma, não em mecanismos biológicos. Desde a infusão da alma racional, o ser humano carrega consigo um conjunto de orientações profundas. Tal tese é coerente com a tradição agostiniana, segundo a qual a alma traz em si o anseio por Deus desde o momento em que começa a existir (Agostinho, 1997). Ela também encontra eco em Tomás de Aquino, que afirma que todo intelecto humano tende naturalmente ao conhecimento do primeiro princípio e à felicidade última (Aquino, 2001).

A perspectiva de Pierre Teilhard de Chardin reforça esse horizonte. Para ele, o ser humano não emerge apenas como fruto da evolução biológica, mas como ponto no qual a consciência desperta para sua direção última, que culmina no Cristo Ómega (Chardin, 1955). Diante disso, a universalidade dos símbolos salvíficos pode ser compreendida como expressão da busca dessa direção última.

Assim, os arquétipos não seriam derivados da genética, mas inscritos na condição espiritual do ser humano. Expressariam a memória originária da alma sobre aquilo para o qual foi criada e busca.

A Figura de Cristo e a Crítica ao Reducionismo Mitológico

Uma das consequências mais importantes dessa abordagem é a reavaliação da relação entre Cristo e os arquétipos do salvador (Peterson, 1999). A semelhança entre Cristo e outras figuras míticas não implica que Cristo seja apenas um mito. Significa que o desejo pelo salvador já estava presente na alma humana desde a sua origem espiritual e, portanto, manifestou-se em diversas expressões simbólicas ao longo da história.

Os mitos seriam antecipações simbólicas, enquanto Cristo se apresenta como realização histórica singular. Negar a singularidade histórica de Cristo com base na analogia simbólica implica um erro metodológico. Como abordado anteriormente, isso assume que tudo o que estrutura a alma é necessariamente simbólico e impossível de ocorrer historicamente. Mas essa suposição é arbitrária.

Cristo pode corresponder ao arquétipo do salvador sem ser reduzido a ele. O arquétipo expressa o anseio; Cristo, a resposta histórica.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise integrada da Psicologia Junguiana, do estudo do mito e da tradição filosófica cristã mostra que a origem dos arquétipos precisa ser compreendida em camadas. Jung (2011) captou corretamente que símbolos universais estão estruturados na psique humana, mas restringiu-se excessivamente à hipótese biológica. Peterson (1999) percebeu o poder transformativo do motivo do herói, mas seu enfoque psicológico não esgota a profundidade metafísica dessa estrutura.

A leitura espiritual, apoiada em Agostinho (1997), Aquino (2001) e Chardin (1955), permite compreender que o homem traz em sua alma um desejo originário que aponta para a sua origem e seu fim. A recorrência de símbolos salvadores é evidência desse desejo. Cristo, nesse sentido, não é dissolvido no mito, mas aparece como resposta histórica ao que a humanidade, desde seu início, já intuía.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo mostra que limitar os arquétipos à genética ou à cultura reduz indevidamente a profundidade espiritual do ser humano. Os arquétipos mais

fundamentais correspondem a desejos estruturais da alma, inscritos nela desde a sua origem. Com isso, explicam-se tanto a universalidade das imagens do herói quanto a possibilidade de que Cristo se apresente simultaneamente como cumprimento simbólico e acontecimento histórico singular.

Em síntese, a alma humana desejava Cristo antes de conhecê-lo. Os mitos expressam tal pressentimento. Cristo realiza o que a estrutura espiritual do homem sempre esperou.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. J. Oliveira. São Paulo: Paulus, 1997.
- AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Trad. Alexandre Corrêa. São Paulo: Loyola, 2001.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O Fenômeno Humano**. Paris: Seuil, 1955.
- JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- PETERSON, Jordan. **Maps of Meaning: The Architecture of Belief**. New York: Routledge, 1999.
- ROBERTSON, Robin. **Guia Prático de Psicologia Jung**. São Paulo: Culturix, 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos estudiosos e tradições que moldaram o campo simbólico no qual este trabalho se insere.